



**ADRIELI SOARES VASCONCELOS**

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO FETICHISTA NA ESTRUTURA  
PERVERSA: UM LEVANTAMENTO LITERÁRIO SOBRE A  
POSSIBILIDADE DA PRÁTICA CLÍNICA EM PSICANÁLISE**

**Cuiabá/MT  
2023**

**ADRIELI SOARES VASCONCELOS**

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO FETICHISTA NA ESTRUTURA  
PERVERSA: UM LEVANTAMENTO LITERÁRIO SOBRE A  
POSSIBILIDADE DA PRÁTICA CLÍNICA EM PSICANÁLISE**

Projeto de Monografia apresentado à Banca  
Avaliadora do Departamento de Psicologia, de  
FASIPE – Cuiabá, como requisito parcial para  
a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Prof: Diego Anizio da Silva

**CUIABÁ/MT  
2023**

**ADRIELI SOARES VASCONCELOS**

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO FETICHISTA NA ESTRUTURA  
PERVERSA: UM LEVANTAMENTO LITERÁRIO SOBRE A  
POSSIBILIDADE DA PRÁTICA CLÍNICA EM PSICANÁLISE**

Projeto de Monografia apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia da FASIPE – Cuiabá, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Professor(a) Orientador(a) Diego Anizio da Silva  
Curso de Psicologia - FASIPE – Cuiabá

---

Professor(a) Orientador(a)  
Curso de Psicologia - FASIPE – Cuiabá

---

Professor(a) Avaliador(a)  
Curso de Psicologia - FASIPE – Cuiabá

**CUIABÁ/MT  
2023**

## **DEDICATÓRIA**

Eu dedico este trabalho à minha mãe, que me inspirou com sua coragem e simplicidade na busca por suas metas, e que amorosamente me ensinou sobre os grandes valores da vida. Também dedico à minha querida filha, Alana, que foi uma das minhas maiores fontes de inspiração, e agradeço a todos os meus colegas de curso e professores que contribuíram para o meu desenvolvimento e aprendizado.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero expressar minha gratidão ao meu esposo e minha filha pelo constante e incondicional apoio durante minha graduação. Eles entenderam minhas necessidades, me encorajaram e motivaram a alcançar meus objetivos. Também sou grata ao meu orientador, que me guiou, dedicou seu tempo e paciência ao longo da elaboração da monografia. Sua orientação e Conhecimento foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico. Agradeço também aos meus colegas de sala por compartilharem essa jornada comigo. Meu sincero agradecimento a todos.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Justificativa .....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Problematização.....</b>	<b>13</b>
<b>1.4 Objetivos .....</b>	<b>13</b>
<b>1.4.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>13</b>
<b>1.4.2 Objetivos Específicos .....</b>	<b>13</b>
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 A constituição do sujeito.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 O complexo de Édipo.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 A perversão.....</b>	<b>15</b>
<b>2.5 A fixação.....</b>	<b>18</b>
<b>2.5 O fetiche.....</b>	<b>18</b>
<b>2.6 O fetiche no contexto clínico.....</b>	<b>21</b>
<b>2.7 A prática clínica continuamente questiona a teoria.....</b>	<b>23</b>
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Tipo de Pesquisa .....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 Técnicas de Coleta e Análise dos Dados.....</b>	<b>27</b>
<b>3.4 RESULTADO E DISCUSSÕES.....</b>	<b>28</b>
<b>3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>3.6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

**VASCONCELOS, Adrieli. A constituição do sujeito fetichista na estrutura perversa: um levantamento literário sobre a possibilidade da prática clínica em psicanálise.**

2023. x folhas. Projeto de Monografia – FASIPE - Cuiabá.

**RESUMO**

O presente estudo de conclusão de curso tem como objetivo refletir sobre como o sujeito é constituído e a relação com a estrutura perversa na prática clínica da psicanálise. Para compreender melhor essas questões, é necessário analisar fatores importantes no desenvolvimento humano, como o fetiche, e a fixação presentes na formação do sujeito, especialmente na estrutura perversa. Será realizado um levantamento bibliográfico dos conceitos e fundamentos teóricos de Sigmund Freud e Jacques Lacan, enfocando as concepções sobre a formação do sujeito. Serão examinados aspectos como a presença do fetiche na sexualidade, sua relação com fantasias e objetos de desejo, bem como os mecanismos de defesa envolvidos na estrutura perversa. O estudo visa ampliar o conhecimento sobre o papel do fetiche na construção do sujeito na psicanálise e fornecer reflexões e insights para a prática clínica nessa estrutura. Será realizada uma análise crítica sobre a relação entre o fetiche e a estrutura perversa, objetivando uma maior compreensão da complexidade do indivíduo e de suas manifestações psíquicas.

**Palavras chaves:** Psicanálise; Perversão; fetiche.

## **SUMMARY**

This course completion study aims to reflect on how the subject is constituted and its relationship with the perverse structure in the clinical practice of psychoanalysis. To better understand these issues, it is necessary to analyze important factors in human development, such as fetishes, and how they are present in the formation of the subject, especially in the perverse structure. A bibliographical survey of the concepts and theoretical foundations of Sigmund Freud and Jacques Lacan will be carried out, focusing on the conceptions about the formation of the subject. Aspects such as the presence of the fetish in sexuality, its relationship with fantasies and objects of desire will be examined, as well as the defense mechanisms involved in the perverse structure. The study aims to expand knowledge about the role of the fetish in the construction of the subject in psychoanalysis and provide reflections and insights for clinical practice in this structure. A critical and in-depth analysis will be carried out on the relationship between the fetish and the perverse structure, aiming for a greater understanding of the complexity of the individual and their psychic manifestations.

**Keywords:** Psychoanalysis; Perversion; fetish.

## 1. INTRODUÇÃO

A constituição do sujeito na estrutura perversa é um tema complexo e intrigante no campo da psicanálise. Neste contexto, é fundamental compreender como a prática clínica se apresenta diante dessa estrutura. A estrutura perversa é caracterizada por uma organização psíquica específica, na qual o sujeito encontra prazer e satisfação através da transgressão de normas, regras e limites estabelecidos pela sociedade. Um indivíduo com essa estrutura pode buscar realização de suas fantasias e desejos por meio de práticas consideradas socialmente inaceitáveis ou moralmente condenáveis. Ao analisar essa configuração subjetiva, a prática clínica é desafiada a compreender as dinâmicas psíquicas e os conflitos que permeiam a subjetividade do sujeito perverso. É através da investigação das fantasias, dos mecanismos de defesa e do processo de simbolização presentes nessa estrutura que o psicanalista busca auxiliar o sujeito a reconhecer e trabalhar suas dificuldades emocionais.

No entanto, é fundamental considerar a delicadeza desse trabalho clínico, uma vez que a estrutura perversa pode apresentar resistências e defesas mais intensas em relação a psicanálise. A natureza da problemática perversa desafia o psicanalista a encontrar estratégias terapêuticas adequadas, compreender a constituição do sujeito na estrutura perversa é um desafio importante para a prática clínica. É através de estudos e pela busca do conhecimento que a psicanálise se fortalece como uma ferramenta capaz de auxiliar na reconstrução e transformação subjetiva dos indivíduos que enfrentam essa complexa configuração psíquica.

A perversão é um tema central em psicanálise, no sentido de se relacionar diretamente com o desejo e de como é vivido, experimentado e expresso na vida do indivíduo. A etimologia da palavra “perversão” vem do latim *perversus*, significa “virado as avessas, em desacordo com as regras”. Embora na psicanálise a perversão é vista apenas no âmbito à sexualidade. O sentido moral e ético ainda é marcado pelo conceito de perversidade. No entanto, para a psicanálise mais do que uma simples questão de preferência sexual, a perversão é entendida como uma expressão complexa da libido, que pode estar relacionada a traumas, fantasias, conflitos inconscientes e experiências vividas no complexo de Édipo.

O complexo de Édipo então é um dos conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, proposta por Sigmund Freud. Essa teoria busca compreender a estrutura e o funcionamento da personalidade humana, destacando a importância da sexualidade na formação psíquica, ocorre durante a infância, mais especificamente entre os três e seis anos de idade, e pode desempenhar um papel significativo no desenvolvimento psicosssexual do indivíduo. O termo "complexo de Édipo" é inspirado no mito grego de Édipo, que narra a história de um jovem príncipe que mata seu pai e se casa com sua mãe, de forma inconsciente. Freud utilizou esse mito como uma metáfora para descrever um estágio crucial do desenvolvimento infantil, no qual a criança se depara com questões relacionadas ao seu genitor. Durante o período do complexo de Édipo, a criança experimenta sentimentos de rivalidade e ciúmes. Essa fase é marcada por uma série de conflitos emocionais e fantasias inconscientes, contribuindo para a formação da identidade e das relações afetivas ao longo da vida.

Através das experiências individuais de cada um, a psicanálise também busca compreender como essas informações se combinam para configurar as fixações sexuais, que nesse trabalho enfatiza aqueles que se afastam dos padrões normativos imposto, isso pode explicar sobre o funcionamento psíquico do sujeito e suas relações com o mundo em sua volta, Sigmund Freud aborda a temática da perversão sexual como uma das possíveis maneiras de expressão da sexualidade humana. No seu segundo ensaio, intitulado "A sexualidade infantil", o autor explora a ideia de que a sexualidade vai além da função reprodutiva e tem um aspecto lúdico e prazeroso desde a infância. Ele define a perversão como um desvio das normas culturalmente estabelecidas em relação ao comportamento sexual.

É importante destacar, no entanto, que Freud não considerava a perversão como uma patologia em si, mas sim como uma variação na organização psíquica de cada indivíduo. Ele

argumentava que a sexualidade humana é complexa e possui diversas facetas, sendo as perversões apenas uma das muitas formas de manifestação dessa sexualidade. Ao longo da sua obra, Freud também analisa casos clínicos de perversões sexuais, como o fetichismo, o sadismo e o masoquismo, explorando as dinâmicas inconscientes que estão por trás dessas manifestações específicas da sexualidade, a psicanálise é uma área de estudo constante da psicologia, que visa compreender os processos psicológicos relacionados ao desenvolvimento humano. Para tanto é necessário também se discutir a posição do fetiche na constituição do sujeito, por meio de um levantamento literário que aborda a possibilidade da prática clínica em uma estrutura perversa. Nesse sentido, é fundamental analisar como o fetiche se insere na construção do sujeito e na sua relação com os outros. É preciso compreender como a prática clínica pode acolher e lidar com as demandas específicas de indivíduos que só encontram por meio do fetiche uma forma de gozo e realização.

Foi feito um levantamento bibliográfico, fundamentado em obras clássicas e contemporâneas da psicanálise, que abordam o tema da estrutura perversa, bem como suas implicações na prática clínica. Buscando compreender os fundamentos teóricos que embasam essa discussão, para que possa ser possível, foi necessário aprofundar o estudo do significado do sujeito e seus desdobramentos na psicologia, utilizando os conceitos fundamentais da teoria lacaniana, o enfoque será dado ao estágio espelho e a distinção entre o grande e o pequeno outro. O grande outro representa as pessoas importantes na sociedade, como pais, professores, líderes religiosos, que exercem influência sobre o indivíduo. Já o pequeno outro se refere às pessoas com quem o indivíduo se relaciona no dia a dia. Essa diferença é importante para entender como o indivíduo se posiciona no mundo, como ele busca se afirmar diante dessas influências e como as identificações com outras pessoas afetam sua maneira de ser. conforme descritos por Lacan em seus escritos entre 1936 e 1949.

A partir da revisão bibliográfica, se é possível investigar como as experiências vividas durante essa fase do desenvolvimento podem influenciar o indivíduo ao longo da vida, trazendo à tona reflexões sobre a importância de compreender e abordar essa questão no contexto clínico e terapêutico. O estudo desse tema é relevante não apenas para os profissionais da psicologia, mas também para todos que desejam compreender melhor os processos que moldam o ser humano, em sua jornada rumo a maturidade emocional e afetiva.

## 1.1 Justificativa

Para justificar a minha motivação nesse tema, parto do interesse que surgiu no curso de psicologia dentro da disciplina de psicanálise: dos fundamentos da personalidade, mecanismo de defesa, complexo de Édipo, sexualidade e teorias da personalidade. Deste modo, por meio do curso e das matérias realizadas, despertou-me, então, o desejo em aprofundar e explorar os funcionamentos psíquico dos perversos, levando em consideração em específico a posição da fixação na constituição do sujeito em uma estrutura perversa. A constituição do sujeito é um tema interessante, pois refere-se à maneira de como um indivíduo se desenvolve e se torna quem é. No entanto, a constituição do sujeito na estrutura perversa apresenta desafios específicos para a prática clínica em psicanálise. Nesse contexto, a prática clínica em psicanálise se depara com questões complexas, como a resistência do sujeito perverso em reconhecer e trabalhar seus conflitos internos, a resistência perversa manifesta-se através de uma recusa em admitir seus problemas psíquicos, negando sua própria responsabilidade na sua constituição, além do prazer em infringir a “lei”.

Dito disso, a estrutura perversa apresenta uma tendência a repetir os mesmos padrões de comportamento, sem possibilidade de transformação ou mudança. Isso torna o trabalho clínico desafiador, uma vez que a literatura psicanalítica aponta a importância da elaboração e ressignificação dos traumas e conflitos para o desenvolvimento do sujeito. Sendo assim, a rejeição a imposição da castração que por sua vez, não foi introjetada na infância, constitui-se o perverso que conseqüentemente, não reprimiu simbolicamente a lei, então o sujeito fica a mercê de fantasias desregradadas, e se tornam suscetíveis a diversas formas de impulsos e desejos.

O fetichismo proposto por Freud (1905) seria como uma das formas possíveis da manifestação psíquica da perversão. O objeto fetiche seria um “véu” que substitui de maneira inapropriada o objeto sexual, na perversão o sujeito requer a todo custo a fixação de um padrão rígido de gratificação sexual.

E entendido que a personalidade é algo próprio e subjetivo de cada ser humano que de certa forma norteia seus comportamentos, na psicanálise através da teoria, existem três modelos que estruturam as personalidades a neurótica, psicótica e perversa, nesse estudo, será investigado com maior profundidade o funcionamento perverso.

Para Freud (1897) compreender as perversões era uma espécie de compromisso social, considerando sua preocupação com a preservação dos laços e a vida coletiva. (1896-99/1987, p. 307) Assim sendo, Norton (2019) ao evidenciar as fraturas do saber, talvez seja possível a leitura das perversões em sua pluralidade, tratando assim de concebê-las numa perspectiva ética, condição necessária para relançar novas interrogações.

Deste modo, fica estabelecido que estudar psicologia é um caminho para o aprofundamento dessas questões que vai muito além do setting terapêutico clínico, mas também do cotidiano. Sendo assim a escolha desse tema para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca fundamentar pela relevância e complexidade do assunto, dentro desse campo específico de estudo. A psicanálise, enquanto teoria e prática clínica, visa investigar os processos inconscientes que influenciam o comportamento humano.

Devemos incluir, a noção do fetiche, tema relevante, esse fenômeno pode trazer à tona diversos aspectos relacionados às estruturas perversas do psiquismo. Ao analisar a posição do fetiche na constituição do sujeito, é possível explorar como as pulsões sexuais, a fantasia e o prazer estão implicados nesse processo. Além disso, a compreensão da estrutura perversa, que engloba características como a negação da castração e a busca de satisfação em práticas consideradas por vezes imorais, amplia a perspectiva sobre as formas como os indivíduos constroem sua identidade e estabelecem relações.

O propósito desta monografia é examinar o assunto com maior dedicação, a fim de promover a pesquisa na área da psicanálise e adquirir uma compreensão mais precisa sobre questões relacionadas à estrutura perversa. A investigação desse tema pode contribuir para o desenvolvimento do entendimento das abordagens terapêuticas sugeridas, facilitando um acompanhamento mais efetivo dos indivíduos na estrutura perversa, e permitindo uma análise crítica e reflexiva sobre questões psicanalíticas fundamentais.

## **1.2 Problematização**

Qual a posição do fetiche na constituição do sujeito perverso de acordo com a perspectiva psicanalista, como afeta a prática clínica em psicanálise e quais são os desafios de intervenção terapêutica nesses casos?

## **1.4 Objetivos**

### 1.4.1 Geral

Investigar de que forma a constituição do sujeito se estrutura levando em consideração a fixação e o fetiche ao se falar na estrutura perversa, e como esse processo pode influenciar a dinâmica da prática clínica em psicanálise.

### 1.4.2 Específicos

Os objetivos específicos são:

- Analisar os conceitos de constituição do sujeito da perversão, levando em consideração o fetiche e fixação.
- Investigar de que forma a constituição do sujeito na estrutura perversa impacta a prática clínica em psicanálise.
- Identificar os principais desafios e dificuldades enfrentados pelo analista ao lidar com pacientes que possuem constituição na estrutura perversa.
- Acender reflexões à prática clínica em psicanálise diante de pacientes com constituição na estrutura perversa.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 A constituição do sujeito**

Diz-se constituição do sujeito ao invés de desenvolvimento humano, pois, esse tempo não se refere a etapas cronológica no desenvolvimento da criança, mas sim as posições que têm por sua vez uma sequência mais lógica do que cronológica. Quando a criança nasce o mundo é instável, o início da vida psíquica parte de um estado de indiferenciação do recém-nascido, que não tem consciência de sua própria existência do mundo a sua volta, como se fosse uma extensão dele mesmo (Lacan, 1949).

No estágio do espelho, pode ser observado que a criança normalmente tem um fascínio pelo espelho, elas recorrem a ele para dançar, brincar e se observar. A instauração do eu aconteceria quando se identifica a uma imagem, e a primeira imagem é a do próprio corpo. É a diferenciação do mundo ao seu redor, que permite a criança se organizar, em um mundo feito de objetos. Tudo se daria, portanto, como uma Gestalt, em uma totalidade e não somente juntando pedaços por pedaços (Lacan, 1953).

A imagem do espelho marcaria a passagem de um corpo despedaçado para a imagem unificada do corpo, a imagem do espelho portanto, seria a primeira identificação do eu entorno do primeiro objeto, que é a imagem do próprio corpo. Com base da primeira identificação, no decorrer da nossa história é incorporando imagem e traços. Formando uma ficção que se chama eu e que precisa ser recriada e reinventada ao longo da vida, uma ficção que representa o sujeito e que dá a sensação de totalidade (Lacan 1949).

Lacan (1957) No mesmo sentido, é dito sobre a importância do outro, no processo da constituição do sujeito e isso ocorre em dois níveis, primeiro esse outro ou pequeno outro (a) grafado com um “a” minúsculo seria a imagem vista de fora, que dá um domínio imaginário a esse corpo, a Gestalt por exemplo. Alienando o indivíduo na medida em que é descoberta no espelho, e não no próprio corpo do sujeito. Lacan (1958) O segundo nível é o grande outro (A), grafado com “a” Maiúsculo é uma forma de discriminar três grandes categorias que articulada comporia a experiência e a realidade humana: o real, o simbólico e o imaginário, no estágio do espelho. O imaginário corresponde ao nível das identificações correspondendo a uma imagem ideal que identifique e quero realizar já o grande outro (A) é o registro do simbólico que insere a criança em uma estrutura. O grande outro portanto, não é uma pessoa e um lugar que vai ser encarnado pelo porta voz, como por exemplo a mãe que fala pela criança e só mais para frente fará algo sobre isso, um outro que interpreta o sentido do seu choro e significa o seu desejo, sem o grande outro (A) a criança não pode sustentar a posição narcísica, e a partir daí que o sujeito começa a se estruturar e a se reconhecer.

## **2.2 O complexo de Édipo**

Freud (1901-1905) no contexto do desenvolvimento infantil, é comum que as crianças construam teorias sexuais próprias para entender a diferença entre os sexos. Um exemplo disso é o complexo da castração, no qual um menino defende firmemente a crença na existência do pênis, resistindo às objeções da realidade. Essa resistência só diminui após conflitos internos intensos. Os substitutos desse pênis "perdido" desempenham um papel importante no desenvolvimento de perversões sexuais. Outra teoria sexual infantil é a suposição de que todos possuem os mesmos órgãos genitais masculinos, o que tem consequências significativas. É relevante mencionar que a ciência biológica reconhece a validade do clitóris como um substituto do pênis, mas isso não é levado em consideração pelas crianças. Por outro lado, as meninas não passam por esse processo de rejeição quando percebem que não possuem um pênis. É interessante observar também que, no mito grego de Édipo, há menção do complexo da castração entre as mulheres. Tanto meninos quanto meninas constroem a teoria de que as mulheres também possuíam um pênis originalmente, porém o perderam com a castração.

## **2.3 A perversão**

A complexidade da perversão torna sua definição difícil de ser estabelecida de forma precisa e universalmente aplicável. Freud (1901-1905) descreve a perversão como uma variação do padrão sexual normativo, onde diferentes formas de perversão são consideradas expressões sexuais que podem estar mal orientadas, distorcidas ou desviadas de sua finalidade original. Freud também argumenta que as perversões sexuais são resultado de traumas infantis ou experiências sexuais precoces que moldam o desenvolvimento sexual posterior. Ele ressalta que o julgamento moral sobre a perversão é influenciado pela cultura e pelas normas sociais, e que a aceitação ou rejeição de certas formas de perversão varia significativamente de acordo com o contexto social e histórico.

Para Lacan (1953), a perversão não é considerada uma patologia diagnosticável, mas sim uma forma de estrutura psíquica em que o sujeito encontra uma satisfação sexual fora das normas estabelecidas pela sociedade. Ele afirma que a perversão não se resume a ser uma aberração em relação aos critérios sociais ou uma anomalia contrária aos bons costumes, embora esses aspectos não sejam inexistentes. A perversão, em sua essência, está relacionada à sua própria estrutura. É interessante observar que há certas tendências perversas que são caracterizadas por um desejo que não pode ser explicitado diretamente. A perversão está localizada no limite do registro do reconhecimento, e é justamente isso que a define e a estigmatiza como tal.

Diante dessas perspectivas, é possível perceber que a compreensão da perversão é bastante complexa e dependente de múltiplos fatores, como experiências pessoais, contexto cultural e normas sociais. A ausência de uma definição precisa e universalmente aplicável evidencia a necessidade de uma abordagem contextualizada e individualizada para a compreensão da perversão. Tal abordagem envolveria considerar as influências do desenvolvimento sexual, traumas infantis e normas sociais na manifestação e percepção das perversões sexuais.

A perversão sexual é um tema abstruso abordado pela psicanálise que tem despertado interesse e debates ao longo dos anos. De acordo com Freud, em suas leituras psicanalíticas, é necessário compreender que a perversão não deve ser encarada como algo absolutamente anormal como visto anteriormente. Em suas palavras, "um exame mais detido mostra que esses novos objetivos, mesmo os aparentemente mais estranhos entre eles, já se encontram insinuados no ato sexual normal" (Freud, 1901-1905, p.49).

Freud (1901-1905) argumenta ainda que, embora certas perversões apresentem um afastamento considerável do comportamento sexual considerado normativo, especialmente

quando o instinto sexual leva a superações inquietantes das resistências emocionais como nojo, vergonha, dor e horror, não é seguro pressupor que os praticantes sejam majoritariamente indivíduos com doenças mentais ou com graves anomalias de outra natureza. Um aspecto relevante para compreender a perversão sexual no contexto psicanalítico é a relação entre a ansiedade de castração e a organização sexual infantil, abordada por Freud (1923). O autor cunhou o termo "denegar" para descrever como as crianças lidam com a falta de um pênis na mãe. Segundo Freud (1923, p.143-144), elas "denegam o fato e acreditam que viram de verdade um pênis na mãe. Elas atenuam a contradição entre a observação e a ideia preconcebida do assunto, ao dizerem a si mesmas que o pênis ainda está pequeno e depois se tornará maior".

No estudo das estruturas psíquicas, em Freud (1894), observa-se que o mecanismo de defesa é uma forma que o indivíduo encontrou para lidar com o contexto sexual. Na estrutura perversa, esses mecanismos são chamados de denegação, que consiste em negar duas vezes, ou seja, é uma forma do indivíduo operar a castração. Além disso, a vivência sexual prematura pode desdobrar-se na perversão, uma vez que existe uma insuficiência das proteções psíquicas da criança, a compreensão da perversão sexual dentro do campo da psicanálise envolve uma análise complexa, que considera os aspectos individuais do sujeito, bem como a relação entre sexualidade, mecanismos de defesa e de suas vivências precoces com conflitos. A perversão não deve ser estigmatizada como algo anormal ou patológico, mas sim como uma expressão singular da sexualidade humana.

A teoria freudiana afirma que as neuroses são o resultado de desejos sexuais reprimidos, que são afastados da consciência. Essa repressão excessiva dos desejos sexuais leva a conflitos internos e sofrimento psicológico, o que caracteriza a neurose. Por outro lado, a perversão é vista como uma forma de satisfação dos desejos sexuais, em que não há repressão. Freud (19016-1917) compreendeu a perversão como o oposto da neurose, uma vez que na neurose os desejos sexuais são reprimidos, enquanto na perversão eles são realizados sem qualquer tipo de restrição. Na neurose, os desejos sexuais são afastados da consciência, tornando-se fantasmas inconscientes, enquanto na perversão esses desejos se manifestam de forma consciente. De acordo com Freud, as psiconeuroses são o resultado de uma combinação entre a constituição sexual, que é influenciada pela hereditariedade, e as influências acidentais que podem interferir no desenvolvimento da sexualidade normal. Assim como um curso d'água que encontra um obstáculo em seu leito, os neuróticos podem ser levados a retomar antigos padrões de comportamento que antes pareciam destinados a permanecer inativos.

Portanto, as forças que impulsionam a formação dos sintomas histéricos não apenas derivam da repressão da sexualidade normal, mas também das pulsões perversas inconscientes. No caso específico do "Caso Dora", Freud afirma que a neurose é, de certa forma, o oposto da perversão. Enquanto na neurose os desejos e fantasias sexuais são inconscientes, na perversão eles se tornam conscientes. Essa distinção entre neurose e perversão é fundamental para entender a estrutura psíquica e o funcionamento humano. Em suma, Freud conceituou a neurose como uma forma de repressão dos desejos sexuais, levando a conflitos internos e sofrimento psicológico, enquanto a perversão é vista como uma forma de satisfação desses desejos. Essas duas estruturas psíquicas se diferenciam pela forma como os desejos sexuais são lidados, sendo a neurose caracterizada pela repressão e a perversão pela realização desses desejos.

#### **2.4 A fixação**

Segundo Freud (1905), as fixações são resultado de um processo em que um estágio do desenvolvimento não é superado de maneira adequada. Por exemplo, se uma pessoa fica fixada na fase oral, ela pode desenvolver uma personalidade dependente, buscando constantemente a gratificação de suas necessidades. Quando a fixação ocorre na fase anal, a pessoa pode se tornar excessivamente controladora e obsessiva com limpeza e organização. Já na fase fálica, a fixação pode resultar em complexos de inferioridade ou superioridade sexual. Embora a fixação possa ocorrer em qualquer estágio do desenvolvimento psicosssexual, é mais comum na infância. No texto "A fixação no trauma, o inconsciente" de Freud (1916-1917), o autor discute a ideia de fixação no trauma e sua relação com o inconsciente. Ele argumenta que quando uma pessoa vivencia um evento traumático, esse evento pode se fixar no inconsciente, levando a uma repetição constante do trauma na vida do indivíduo.

De acordo com Freud, a fixação no trauma ocorre quando a mente não é capaz de processar o evento de maneira adequada, resultando em um acúmulo de excitação psíquica não resolvida. Essa excitação psíquica pode se manifestar em sintomas como pesadelos, flashbacks e comportamentos compulsivos. Freud também destaca a importância da análise do inconsciente na psicanálise. Ele defende que ao acessar o inconsciente e trazer à consciência os conteúdos reprimidos relacionados ao trauma, o indivíduo pode desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmo e encontrar formas de superar a fixação, o que se pretende em clínica.

#### **2.4 O fetiche**

Freud escreveu o "Fetichismo" (1927/1969). Após anos, a inclusão do "Fetichismo" parece introduzir o estudo de uma perversão, embora Freud já tivesse abordado o tema anteriormente. Por que ele precisou dedicar um artigo ao fetichismo em 1927, porque, mesmo após publicar "A dissolução do complexo de Édipo" e fazer uma síntese final sobre a resolução desse complexo, o fetichismo reaparece, Freud retorna ao fetichismo porque encontrou um mecanismo que explica não apenas a perversão em si, mas também uma forma de estruturação do aparelho psíquico através do conceito de *verleugnung* (negação). Assim, a recusa passa a desempenhar um papel fundamental na formação da psique.

Portanto, é importante incluir o conceito de fetichismo no trabalho que aborda a perversão, uma vez que a leitura dos materiais torna clara a conexão entre eles. Para confirmar essa proposição. Santos (2007) A relação entre fetiche e perversão é semelhante à relação entre sintoma e neurose. O fetiche não é visto como algo excluído, mas sim como algo que é aceito e utilizado, uma espécie de lei, através da negação, o sujeito supõe o sentido que ele se recusa a reconhecer. Isso é precisamente o que acontece com o fetiche. O fetiche é uma expressão utilizada para descrever um impulso sexual que direciona a atenção a um objeto inanimado ou uma parte do corpo de um indivíduo, que pode estar ou não relacionado com o desejo sexual da pessoa. Por exemplo, o fetiche por pés é uns dos mais conhecidos. Na teoria psicanalítica, o conceito de fetichismo foi apresentado pela primeira vez em (1905), na obra chamada Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, de Freud, em que ele explica que, embora o objeto do fetiche possa ter alguma relação com o objeto sexual normal, ele não é adequado para se tornar o alvo do desejo.

Segundo a distinção feita por Freud (1996), é possível apontar uma diferença entre o fetiche considerado normal e o fetiche que denota uma patologia. O primeiro é caracterizado pela presença de um objeto fetichizado que possui uma relação direta com o sujeito que está interessado em sua utilização durante um ato sexual. Dessa forma, o fetiche funciona como um meio para que o indivíduo seja capaz de alcançar seu objetivo sexual em situações nas quais o ato sexual propriamente dito seria impossível.

De acordo com Freud, há evidência da dependência do sujeito pelo objeto fetiche, em que a satisfação sexual depende da presença e do uso desse objeto. Isso leva a sugerir que há uma diferença entre o fetichismo normal e o patológico. Essa diferença está relacionada à importância que o objeto fetichista tem na vida sexual do indivíduo, de acordo com o valor atribuído a ele. Em termos freudianos, pode-se dizer que a vida sexual em geral possui um certo

grau de fetichismo. Dessa forma, a concepção psicanalítica do fetichismo vai além de considerá-lo apenas como uma entidade patológica específica. Freud (1905-2005) argumenta que o fetichismo normal ocorre quando o objeto, apesar de ser uma substituição do objeto sexual desejado, tem alguma associação simbólica com ele. Em outras palavras, o envolvimento emocional com o objeto, mesmo que represente uma fixação, permite ao sujeito uma expressão metafórica. No entanto, o caso se torna patológico quando o desejo pelo fetiche se fixa e substitui a meta sexual normal, e quando o fetiche se torna um objeto sexual por si só. Essas são as condições gerais para que a simples variação da pulsão sexual se transforme em desvio patológico.

O fetiche é visto, portanto, como uma forma de substituir o órgão genital ausente na mãe. Isso ocorre quando o menino percebe a falta de um pênis real na mulher. O medo da castração surge como uma defesa contra a percepção dessa ausência. O raciocínio inconsciente seria: se a mulher é castrada, o menino também pode perder seu pênis. Para se proteger dessa ameaça, o menino se recusa a reconhecer a falta do órgão na mãe e o fetiche passa a ser considerado como um substituto do órgão genital materno.

Freud argumenta, em "A organização genital infantil" (1923), que para ambos os sexos está em questão apenas um órgão genital: o masculino. Isso causaria as crianças a reagirem, nas suas primeiras percepções da diferença de gênero, rejeitando a realidade e acreditando que mesmo nas meninas há um pênis. Inicialmente, elas formulam a hipótese de que o pênis ainda é pequeno e irá crescer com o tempo, e assim, gradualmente chegam à conclusão de que ele estava presente um dia e foi removido. Portanto, a falta de um pênis é vista novamente como resultado da castração e é nesse contexto que o fetiche se desenvolve. Neste texto, fica claro que atribuir o falo a mãe - além de ser uma resposta a percepção de que algo deve estar presente na ausência percebida como faltante é a resposta da criança ao enigma da diferença dos sexos.

Quando se trata de fetichismo, o conceito de "recusa" é entendido como uma forma de defesa desenvolvida pelo sujeito diante de uma realidade que é percebida, mas negada de forma angustiante. De acordo com Freud, o texto "Fetichismo", (1927) é paradigmático porque mostra como essa recusa está centrada na insuportável realidade da castração e afirma que o fetiche não é apenas um substituto para qualquer pênis, mas sim um substituto do pênis da mulher (da mãe). O objeto fetichizado tem a função de proteger o sujeito do horror da castração, substituindo o objeto faltante por outro real.

Segundo Freud, no psiquismo do sujeito, a mulher continuará possuindo um pênis, embora não seja o mesmo que se supõe anteriormente: algo foi colocado em seu lugar, foi substituído, que então herda o interesse anteriormente direcionado ao primeiro. Esse interesse experimenta um aumento extraordinário porque o horror a castração ergueu um monumento a si mesmo com a criação desse substituto. Portanto, Freud interpreta o fetiche como um símbolo, uma forma de evidência, uma espécie de curativo, pois, ao mesmo tempo em que nega a castração, reconhece-a ao colocar algo no lugar do pênis ausente na mãe.

Ainda de acordo com Freud, o fetiche é formado pelo objeto que foi percebido antes da experiência traumática visual. Ele se torna um objeto de prazer devido à incapacidade de lidar com o trauma. Não seria exaustivo ressaltar que o fetiche é objeto de veneração e, em muitos casos, é tratado como uma representação simbólica da castração. Isso ocorre especialmente quando há uma forte identificação com o papel paterno, uma vez que a criança atribui ao pai a atribuição da castração na mulher. A ternura e a hostilidade presentes no tratamento do fetiche que correspondem à negação da realidade e ao reconhecimento da castração se mesclam em proporções desiguais em diferentes casos, fazendo com que uma ou outra seja mais evidente.

## **2.6 O fetiche no contexto clínico**

Freud escreveu o "Fetichismo" (1927/1969). Após anos, a inclusão do "Fetichismo" parece introduzir o estudo de uma perversão, embora Freud já tivesse abordado o tema anteriormente. Ele precisou dedicar um artigo ao fetichismo em 1927, porque, mesmo após publicar "A dissolução do complexo de Édipo" e fazer uma síntese final sobre a resolução desse complexo, o fetichismo reaparece, Freud retorna ao fetichismo porque encontrou um mecanismo que explica não apenas a perversão em si, mas também uma forma de estruturação do aparelho psíquico através do conceito de *verleugnung* (negação). Assim, a recusa passa a desempenhar um papel fundamental na formação da psique.

No primeiro parágrafo do texto sobre o Fetichismo, Freud (1927) discute questões relacionadas ao tratamento clínico de fetichistas. Ele menciona que teve a oportunidade de analisar diversos homens cuja escolha de objetos é dominada por um fetiche. Apesar desse fetiche ser considerado anormal, raramente essas pessoas buscam tratamento, pois não sentem que ele cause sofrimento. Freud acredita que, de modo geral, os fetichistas estão satisfeitos com seu fetiche e até encontram vantagens em seus relacionamentos amorosos em comparação com outras pessoas que não compartilham do mesmo prazer.

Apesar de ter sido cuidadoso ao explicar as dificuldades de definir o que é um fetiche, o autor apresenta uma ideia: no fetiche, a memória parece ser "congelada" no momento antes de um evento assustador e traumático, de forma semelhante à amnésia traumática. Isso significa que o pé ou o sapato, por exemplo, se tornam objetos de fetiche porque o indivíduo fixa sua atenção no momento anterior ao encontro com uma mulher que ele percebe como desprovida do órgão genital masculino.

Lacan (1957-1958) alerta sobre os perigos de pensar dessa maneira, argumentando que os impulsos não estão necessariamente mais evidentes na perversão do que na neurose. Em outras palavras, não podemos simplificar a questão, afirmando que na neurose os impulsos são evitados, enquanto na perversão eles são expressos abertamente. Dessa forma, o desejo perverso é alimentado pela negação da castração. Conseqüentemente, o reconhecimento será um dilema constante, já que na perversão o desejo busca se manifestar através da constante violação da lei. Ao transgredi-la, o indivíduo se defende contra a angústia da castração. Lacan desenvolve essa linha de pensamento ao conceber a formação fetichista de objetos como um modelo para todas as perversões.

Retomando a questão do fetiche o perverso tenta capturar o objeto através de uma imagem que possa atrair o olhar. Na perversão, o sujeito recusa essa ideia e acredita ter capturado o objeto em sua própria visão. O objetivo é encobrir a falta simbólica da mãe, onde o véu funciona paradoxalmente para esconder o vazio além do objeto, como o desejo do outro. A mãe não possui o falo, mas ao mesmo tempo, ela representa a imagem fixa do falo simbólico. Por isso, Lacan afirma que a perversão é uma experiência intensa e imaginária, baseada em uma lógica que só pode se satisfazer através da incessante busca pelo desejo do outro.

Para avançar nesse contexto, é importante falar sobre o esquema do véu” como um elemento fundamental. A função do véu para Lacan (1956-1957) trata-se então do sujeito e o objeto, e mais do que isso, algo vazio, ou talvez um símbolo, ou até mesmo o falo, considerando a ausência na mulher. No entanto, quando a cortina é colocada, é possível pintar algo que afirma: o objeto está além. O objeto pode então ocupar o lugar da ausência e ser o suporte do amor, desde que não seja o ponto onde o desejo se agarra.

Portanto, o fetiche representa um paradoxo, pois sua presença implica que a mulher não perdeu o falo, mas ao mesmo tempo é capaz de privá-la dele. O uso do véu ilustra que, na dinâmica sujeito-objeto, existe uma adição e uma falta, onde o véu se torna um lugar para projeção imaginária. Assim, o fetiche pode ser entendido como uma representação perversa da

falta de desejo, ou seja, a negação de que a mãe não possui o falo. A maneira encontrada para lidar com essa angústia é atribuir ao fetiche o papel de substituto do falo ausente na mãe.

No contexto clínico psicanalítico, o fetiche pode ser considerado um transtorno se ele causar sofrimento significativo para a pessoa ou prejudicar sua capacidade de ter uma vida sexual saudável. Por exemplo, se a pessoa só conseguir ter excitação sexual ou alcançar o orgasmo através do seu fetiche, ela pode ter dificuldades em desenvolver relações sexuais satisfatórias com outra pessoa, o que pode afetar negativamente sua vida pessoal. Nesse sentido, a abordagem clínica busca compreender a origem do fetiche e trabalhar com o paciente para encontrar maneiras de lidar com ele de forma saudável e funcional.

## **2.7 A prática clínica continuamente questiona a teoria**

Desde o início da psicanálise, Freud enfatizou a importância de os psicanalistas questionarem suas teorias com base nas observações clínicas, com o tempo os avanços na clínica também dependem da nossa capacidade de nos interrogarmos sobre as possíveis razões para as interrupções nas análises que conduzimos. Essa reflexão é essencial para pensar nas possibilidades de uma prática clínica psicanalítica com pacientes que apresentam perversão.

Nesse sentido Pereira (2008) corrobora dizendo que a clínica com a perversão requer que o terapeuta esteja disposto a enfrentar uma experiência de desorientação. Ao ler uma trama perversa, é necessário renunciar ao controle e permitir-se ser absorvido pelo vazio das palavras direcionadas. Essa experiência pode causar, desconfortos como tontura por exemplo, e lembrar das limitações dos nossos conhecimentos. No entanto, também pode servir como uma transição, caso o paciente reconheça a inadequação do seu próprio conhecimento. Portanto, a desorientação do terapeuta se torna uma força potente quando ele permite que as palavras retornem para o sujeito que as proferiu. Desta forma, talvez o perverso possa reconhecer a insuficiência daquilo que ele pretende dominar.

Lacan (1953-1954) afirmou que nunca foi dito que o analista não pode ter sentimentos em relação ao seu paciente. No entanto, é importante que o analista saiba não apenas não se deixar levar por esses sentimentos, mas também colocá-los em sua devida posição e utilizá-los de forma adequada em sua técnica.

Segundo Foucault (2005) em seu livro *A história da sexualidade*, tanto no século XIX quanto atualmente, diversas formas de sexualidades surgiram devido a disseminação das perversões. O autor ressalta que a sociedade burguesa daquela época, assim como a nossa, é

marcada por uma explosão e fragmentação de perversões. Ao examinar como o controle é exercido sobre o corpo e o sexo, Foucault destaca a importância e atualidade desse problema. Isso ocorre porque o poder exercido sobre as formas de prazer e sexualidades pode impactar silenciosamente cada indivíduo.

Segundo Julian (2002), essa estagnação do saber estaria relacionada com as origens da palavra perversão, pois ela decorre da ideia de perversidade, em que o aspecto moral e religioso seria seu fundamento primeiro. Julian (2002) discorre que apesar de a psicanálise ter cem anos de história, ainda podemos ouvir pessoas dizendo: "É um perverso! É uma perversa!" Pensou-se que essa palavra poderia desaparecer à medida que usássemos adjetivos para descrever ações ou fantasias, ou então que seria substituída por "perversão", que engloba um campo mais amplo e uma estrutura. No entanto, essa nomeação de "perverso" como substantivo continua presente em opiniões consideradas esclarecidas, assim como no discurso médico-legal e psicológico. Até mesmo entre os psicanalistas, essa nomeação persiste.

O então o perverso pode buscar o analista para se livrar momentaneamente de seu desconforto, mas não está disposto a renunciar a suas ações prejudiciais. Ele usa a análise como uma desculpa para evitar consequências legais de seus atos criminosos e torna o analista seu cúmplice. Ele usa a retórica para desafiar a lei e buscar prazer a qualquer custo, forma uma parceria perversa com o analista, tornando-o um mero espectador de seu monólogo exibicionista. Em todas essas demandas, a transferência é prejudicada, pois o perverso busca sempre algum benefício que sirva ao seu objetivo de manter o controle. As regras da livre associação e neutralidade são inúteis para o trabalho analítico, pois o perverso desrespeita a livre associação e o analista é colocado como ouvinte passivo e cúmplice.

Dessa forma, o perverso recusa-se à castração imposta pela análise por meio do simbólico. a tarefa de buscar por terapia psicológica, pode ser insuportável para o perverso, pois implica sofrimento psíquico que ele nega através do mecanismo de recusa. Quando a ilusão é confrontada pela realidade, surge uma grande angústia, pois, como Flavio Ferraz (2000) afirma, não é apenas a vida sexual do perverso que é construída sobre a clivagem, mas toda a sua identidade. O processo de subjetivação o forçará a abrir mão, pelo menos parcialmente, do prazer que sua atuação enganosa proporciona. Na relação analítica, é comum ouvirmos o perverso utilizando o vocabulário psicanalítico, mas sem a intenção de estabelecer um diálogo. Como apontado por Flavio Ferraz (2000), sua fala permanece "inarticulável", podendo ser vista como um desafio, uma tentativa de reduzir o terceiro ou uma sedução. A transferência construída por ele é de natureza narcísica, em que nega ao analista o pedestal de "sujeito-

suposto-saber". O discurso do perverso é uma fala vazia de sentido que exclui a angústia e condena o desejo a circular fora do âmbito da linguagem podendo gerar incômodos físicos. Ele sustenta seu desejo pelo prazer e mantém sua vontade de prazer por meio de suas ações.

Na confrontação entre palavra e ação, prevalece, no perverso, a demonstração ostensiva de sua aposta na ação. Isso permite que ele alcance seu próprio prazer, ao mesmo tempo em que mantém o prazer do Outro. Em outras palavras, o perverso se torna um objeto a serviço do prazer do Outro, dedicando-se a preencher a falta, o vazio do Outro para poder existir como sujeito não barrado não castrado. Da mesma forma como age com seu parceiro, o perverso reproduz em cena analítica sua vontade de prazer. A relação transferencial na análise do perverso coloca o analista em uma posição difícil, que vai de encontro a ética da psicanálise, a transgressão e o desafio constante à lei por parte do perverso, o desrespeito sistemático à "regra fundamental" da associação livre e sua substituição pela repetição monótona das suas "encenações", e o desdém absoluto pelo "sujeito-suposto-saber" dificultam ou impossibilitam a posição do analista.

O analista então acaba sendo removido de seu lugar e, conseqüentemente, de sua função, correndo o risco de estabelecer uma relação dual com o perverso, na qual desaparece o "desejo de analista". É nesse ponto que ele coloca em xeque o dispositivo analítico e questiona sua estrutura teórica. Portanto, o grande desafio que o analista enfrenta ao trabalhar com o perverso é encontrar uma posição que lhe permita aproveitar aquilo que o sujeito traz além das suas "encenações". Isso exige um posicionamento teórico e técnico diferente daquele usado no trabalho analítico com o neurótico.

Assim, o objetivo do analista ao lidar com o perverso não é apenas confrontar suas ações, mas sim ajudá-lo a explorar novas formas de satisfação que não estejam baseadas apenas no prazer por vezes cruel ou inaceitável no meio em que está inserido culturalmente. É um processo delicado, que exige a construção de um vínculo de confiança e o estabelecimento de limites claros. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que cada caso é único e que o trabalho com o perverso pode ser complexo e desafiador. O analista precisa estar preparado para lidar com a resistência, a agressividade e a manipulação do paciente, buscando sempre respeitar os limites éticos e a integridade de ambos. A forma como o analista responde ao perverso depende de como este se posiciona em relação ao Outro. O analista precisa suportar o jogo perverso, confrontando-o através da banalização na transferência, esvaziando o valor das ações do perverso e auxiliando-o a resgatar a função da escuta.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho será elaborado com a intenção de ser responder aos objetivos, através do método da pesquisa bibliográfica qualitativa de caráter investigativo e exploratório, Segundo Arilda Godoy (1995, p.23): “considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoque”.

Para se realizar o trabalho foi utilizado o método de abordagem qualitativa pois possibilita o melhor caminho para se realizar o estudo o tornando mais prático, científico e organizado. A metodologia científica então é um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência para formular e resolver problemas de maneira a adquirir conhecimentos, de maneiras sistemáticas Zanella (2011). Esse tipo de pesquisa contribui para um melhor esclarecimento do assunto, visando responder os objetivos e problemática do tema, ainda neste sentido o Grayling (200 p.40) afirma que o “objetivo de discernir as regularidades estatísticas do comportamento, é orientado para a contagem das ocorrências e medir a extensão dos comportamentos que estão sendo estudados”. com seu objetivo então de compreender o mundo social do ponto de vista dos atores dentro dele, é orientado para descrição detalhada do associado com comportamentos observáveis.

### **3.1 Tipos de pesquisa**

A distribuição dessa pesquisa é classificada como básica, de acordo com Paim (2010, p.77). Essa classificação engloba projetos de pesquisa que têm como objetivo o avanço do conhecimento científico e não têm objetivos comerciais específicos. Em relação à abordagem, é qualitativa, como afirmado por Melo (2001). A pesquisa qualitativa permite um estudo fluido e está focada na interpretação da realidade, não na sua quantificação. Quando o objetivo do pesquisador é investigar algo mais subjetivo, como uma opinião sobre determinado tema e a motivação por trás dessa opinião, é considerada uma pesquisa qualitativa. Nesse tipo de pesquisa, não se coletam dados quantificáveis, mas sim aspectos individuais do pesquisado, buscando detalhes, particularidades, interpretações, sentimentos e visões individuais sobre o tema ou situação em questão. Exemplos de pesquisas qualitativas são aquelas sobre emoções humanas, relações sociais e qualquer aspecto subjetivo relacionado a elas.

Além disso, a pesquisa qualitativa permite explorar os dados e observações sob diferentes perspectivas de um único tema. Segundo Duarte (2017), ela se vale de aspectos subjetivos e permite interpretações, sendo essa uma de suas principais vantagens, uma vez que possibilita uma percepção e compreensão mais amplas sobre a natureza de uma determinada questão. Dessa forma, pode-se considerar que as pesquisas quantitativas e qualitativas não são opostas, mas se complementam. Quanto aos procedimentos técnicos, esse estudo se classifica como uma pesquisa bibliográfica. Segundo Prodanov e Freitas (2013), trata-se do uso de informações já publicadas em diversas fontes, como livros, revistas, artigos científicos e jornais, para obter conhecimento sobre um determinado assunto. É fundamental que o pesquisador verifique a precisão e confiabilidade dos dados encontrados, identificando possíveis inconsistências ou contradições nas obras consultadas. De acordo com essa afirmação,

compreende-se que a pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico, e tem como objetivo aprimorar e atualizar o conhecimento por meio da investigação científica de trabalhos já publicados.

### **3.2 Técnicas de Coleta e Análise de dados**

A princípio foi formulada um problema de pesquisa, e os objetivos a serem alcançados. Segundo Fachin (2017) É essencial que todo estudo conte com o apoio e a fundamentação da pesquisa bibliográfica, independentemente de ser baseado em outras formas de pesquisa, como

estudos de campo, de laboratório, documentais ou exploratórios. A pesquisa bibliográfica pode tanto ser conduzida como um estudo por si só quanto servir como preparação para outros tipos de pesquisas. Os dados colhidos através de bibliografia também é uma opção na qual existe aprofundamento no assunto, pois é possível analisar pesquisas, teorias, conclusões já testadas. Propiciando reflexões sobre os temas já disponíveis, é importante também se reconhecer os créditos da arguição. A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002) A pesquisa bibliográfica é realizada tendo como base a busca e análise de referências teóricas já publicadas por meio de livros, artigos científicos e páginas de websites. É um processo fundamental em qualquer estudo científico, pois permite ao pesquisador se familiarizar com o conhecimento existente sobre o tema em questão. Algumas pesquisas científicas são baseadas exclusivamente na pesquisa bibliográfica, com o objetivo de coletar informações ou conhecimentos prévios sobre o problema específico que está sendo investigado.

Esta pesquisa será elaborada com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Essa análise interpretativa permite ao pesquisador identificar padrões, tendências e relações entre os dados, possibilitando uma compreensão mais profunda do fenômeno em estudo. O autor também enfatiza a importância de apresentar de forma clara e objetiva os resultados da análise, utilizando gráficos, tabelas e outros recursos visuais quando necessário. Além disso, Fachin ressalta a importância da ética na coleta e análise de dados. Ele destaca a necessidade de obter o consentimento dos participantes da pesquisa, garantir a confidencialidade e anonimato dos dados, e utilizar os resultados de forma responsável e transparente. Em suma, para uma pesquisa eficaz, é fundamental utilizar técnicas adequadas de coleta de dados, considerando a natureza do problema e os objetivos do estudo. Além disso, é essencial realizar uma análise sistemática e interpretativa dos dados, levando em consideração o contexto da pesquisa. A ética também deve ser considerada em todas as etapas do processo de pesquisa.

#### **4 Resultados e discussões**

**Tema: A constituição do sujeito,** foram pesquisados 7 artigos, porém 5 artigos foram utilizados na pesquisa.

<b>Tema</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultados</b>
Estádio do espelho como formador da função do eu	Jacques Lacan	1953-1954	O estágio do espelho, refere-se ao momento em que a criança, por volta dos 6 meses de idade, desenvolve a percepção de si mesma como uma entidade separada do mundo ao seu redor. Nessa fase, a criança se reconhece no espelho e identifica-se com a imagem refletida, formando sua primeira noção de identidade. Essa experiência é fundamental para o desenvolvimento do eu e para a construção da imagem corporal.
As formações do inconsciente	Jacques Lacan	1957-1958	O grande outro é a representação simbólica do mundo social e cultural, abrangendo as normas, valores e significados compartilhados pela sociedade. Por outro lado, o pequeno outro se refere à imagem individual do outro, não como uma representação coletiva, mas como a pessoa que encontramos nas relações pessoais.

**Tema: A perversão,** foram pesquisados 7 artigos, porém 5 artigos foram utilizados na pesquisa.

<b>Tema</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultados</b>
Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade	Sigmund Freud	1901-1905	É compreendido que a perversão não pode ser categoricamente definida e que é apenas uma variação

			do padrão sexual normativo. ressalta que o julgamento moral sobre a perversão é influenciado pela cultura e pelas normas sociais.
Formações do Inconsciente	Jaques Lacan	1953-1954	a perversão envolve a busca de satisfação sexual através do controle e manipulação do outro, muitas vezes ultrapassando os limites do consentimento e invadindo a esfera da violência. um modo de defesa contra a castração simbólica, que é a perda do objeto de desejo, e um meio de evitar o confronto com a falta constitutiva do sujeito.
As neuropsicoses de defesa	Sigmund Freud	1894 - 2006	Aborda os mecanismos de defesa como estratégias inconscientes para proteger a mente contra conflitos, ansiedades e traumas. Através de mecanismos como repressão, negação, projeção, racionalização, sublimação e outros, o indivíduo busca aliviar a pressão emocional e preservar seu bem-estar mental.
Caso Dora	Sigmund Freud	1905 - 1901	A neurose se desenvolve devido a uma repressão excessiva dos desejos sexuais, causando conflitos internos e sofrimento. A perversão é vista como uma forma de satisfazer esses desejos, enquanto a neurose é uma forma de

			reprimi-los. No caso de neurose, o desejo é inconsciente, enquanto na perversão é consciente.
--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------

**Tema: A fixação,** foram pesquisados 4 artigos, porém 3 artigos foram utilizados na pesquisa.

<b>Tema</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultados</b>
Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade	Sigmund Freud	1901-1905	Descreve as fases orais, anais e fálicas do desenvolvimento psicosssexual da criança, nas quais a libido pode se fixar em diferentes partes do corpo.

**Tema: O fetiche,** foram pesquisados 7 artigos, porém 5 artigos foram utilizados na pesquisa.

<b>Tema</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultados</b>
Sobre o fetiche	Andrade, apud Santos	1992/2007	O fetiche é uma forma de perversão que não está excluída, mas sim aceita e utilizada pelo sujeito. Ele representa a negação da castração e do desejo.
A organização genital infantil	Sigmund Freud	1923	tanto meninos quanto meninas desenvolvem a crença de que apenas o órgão genital masculino é importante. Isso leva as crianças a acreditarem que até mesmo as meninas

			possuem um pênis, mas que este é pequeno e irá crescer com o tempo.
Fetichismo	Sigmund Freud	1927	o fetichismo poderia ser visto como uma forma de sublimação, onde os desejos sexuais eram redirecionados para um objeto inanimado, proporcionando prazer e evitando conflitos ou angústias.

**Tema: O fetichismo no contexto clínico,** foram pesquisados 5 artigos, porém 3 artigos foram utilizados na pesquisa.

<b>Tema</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultados</b>
Sobre o fetiche	Andrade, apud Santos	1992/2007	O fetiche é uma forma de perversão que não está excluída, mas sim aceita e utilizada pelo sujeito. Ele representa a negação da castração e do desejo.
A organização genital infantil	Sigmund Freud	1923	tanto meninos quanto meninas desenvolvem a crença de que apenas o órgão genital masculino é importante. Isso leva as crianças a acreditarem que até mesmo as meninas possuem um pênis, mas que este é pequeno e irá crescer com o tempo.
Fetichismo	Sigmund Freud	1927	o fetichismo poderia ser visto como uma forma de sublimação, onde os desejos sexuais eram

			redirecionados para um objeto inanimado, proporcionando prazer e evitando conflitos ou angústias.
--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------

**Tema: A prática clínica continuamente questiona a teoria,** foram pesquisados 6 artigos, porém 5 artigos foram utilizados na pesquisa.

<b>Tema</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultados</b>
Uma experiência de vertigem	Pereira L, S.	2008	Pereira discute como os personagens machadianos são marcados por conflitos internos e como suas ações e comportamentos são resultado de desejos reprimidos, traumas e tabus sociais. Ela também explora a presença de temas como a loucura, a obsessão e a angústia na obra do autor brasileiro.
Os Escritos Técnicos de Freud	Jaques Lacan	1953-1954	O analista precisa ser consciente de seus próprios sentimentos e emoções, e deve ser capaz de colocá-los em perspectiva, mantendo uma distância emocional saudável. Além disso, o analista deve ser capaz de usar seus sentimentos de maneira construtiva, como parte de sua técnica, para entender melhor o paciente e auxiliá-lo durante o processo de análise.

Psicose, perversão, neurose	Julian, P.	2002	Julian argumenta que essa persistência na utilização da palavra "perverso" tem raízes na concepção moral e religiosa. Mesmo com o avanço da psicanálise, ainda é comum ouvirmos pessoas sendo rotuladas como "perversas".
A história da sexualidade	Michel Foucault	2005	Foucault examina como o controle é exercido sobre o corpo e o sexo, destacando que esse problema é de suma importância e atualidade. Isso ocorre porque o poder exercido sobre as formas de prazer e sexualidades pode afetar sutil e silenciosamente cada indivíduo.
Perversão	Flavio Ferraz	2000	a identidade do perverso não se baseia apenas em sua vida sexual, mas em sua totalidade. O processo de subjetivação exige que ele renuncie parcialmente ao prazer que obtém através de seu comportamento enganoso.
<b>Tema</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultados</b>
Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade	Sigmund Freud	1901-1905	etapas do desenvolvimento psicosexual da criança, como as fases orais, anais e fáticas, em que a energia sexual (libido) pode ser direcionada para diferentes zonas do corpo
<b>Tema</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultados</b>

Três Ensaaios sobre a Teoria da Sexualidade	Sigmund Freud	1901-1905	Freud argumenta que a sexualidade humana é uma parte fundamental da nossa vida desde a infância, e que as questões relacionadas à sexualidade têm um impacto significativo na formação da personalidade e na saúde mental.
---------------------------------------------	---------------	-----------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o presente estudo buscou refletir sobre a constituição do sujeito e a relação com a estrutura perversa na prática clínica da psicanálise. Através de uma revisão bibliográfica dos conceitos e fundamentos teóricos de Sigmund Freud e Jacques Lacan, foi possível analisar a importância do fetiche e da fixação na formação do sujeito, principalmente na estrutura perversa. Ao examinar aspectos como a presença do fetiche na sexualidade, suas relações com fantasias e objetos de desejo, assim como os mecanismos de defesa envolvidos na estrutura perversa, foi possível ampliar o conhecimento sobre o papel do fetiche na construção do sujeito na psicanálise. Essas reflexões e insights podem ser aplicados na prática clínica, auxiliando o psicanalista a compreender a complexidade do indivíduo e suas manifestações psíquicas.

A constituição do sujeito na estrutura perversa é um tema desafiador e intrigante no campo da psicanálise. A prática clínica precisa lidar com as dinâmicas psíquicas e os conflitos que permeiam a subjetividade do sujeito perverso. Além disso, é necessário considerar a delicadeza desse trabalho, uma vez que a estrutura perversa pode apresentar resistências e defesas mais intensas em relação à psicanálise. No entanto, através de estudos e busca contínua de conhecimento, a psicanálise se fortalece como uma ferramenta capaz de auxiliar na reconstrução e transformação subjetiva dos indivíduos que enfrentam essa complexa configuração psíquica. Compreender a constituição do sujeito na estrutura perversa é um desafio importante para a prática clínica, e a psicanálise se mostra como uma abordagem eficaz para lidar com essa problemática. Por fim, a perversão sexual, entendida como uma expressão complexa da libido, está relacionada a traumas, fantasias, conflitos inconscientes e experiências vividas no complexo de Édipo.

Sendo assim, O tema da formação do indivíduo em uma estrutura perversa é um desafio intrigante dentro do campo da psicanálise. A terapia clínica precisa abordar as dinâmicas psicológicas e os conflitos presentes na subjetividade do indivíduo com uma estrutura perversa. Além disso, é necessário ter cautela ao realizar esse trabalho, já que a estrutura perversa pode apresentar resistências e mecanismos de defesa mais intensos em relação à psicanálise. No entanto, por meio de estudos e uma busca constante por conhecimento, a psicanálise vai se fortalecendo como uma ferramenta capaz de auxiliar na reconstrução e transformação subjetiva dos indivíduos que enfrentam essa complexa configuração psicológica. Compreender a formação do indivíduo em uma estrutura perversa é um importante desafio para a prática clínica, e a psicanálise se mostra como uma abordagem eficaz para lidar com essa questão. Por último, a perversão sexual, que é entendida como uma expressão complexa da libido, está relacionada a traumas, fantasias, conflitos inconscientes e experiências vividas durante o complexo de Édipo

O estudo do fetiche e sua relação com a estrutura perversa contribui para um melhor entendimento do funcionamento psíquico do sujeito e suas relações com o mundo ao seu redor. Através da psicanálise, é possível compreender e abordar essas questões de forma terapêutica e promover o desenvolvimento emocional e afetivo do indivíduo. Em suma, esta monografia busca investigar e compreender o funcionamento psíquico dos sujeitos com constituição na estrutura perversa, especialmente em relação à posição do fetiche na constituição desses indivíduos. A análise da estrutura perversa apresenta desafios específicos para a prática clínica em psicanálise, como a resistência do sujeito em reconhecer e trabalhar seus conflitos internos, a recusa em admitir problemas psíquicos e a dificuldade em se submeter à elaboração e ressignificação dos traumas e conflitos. Sendo assim, investigando o estudo do fetiche e sua conexão com a estrutura perversa, é possível obter uma compreensão aprofundada do funcionamento psicológico do indivíduo e sua interação com o mundo que o cerca. A partir da abordagem da psicanálise, é viável abordar essas questões de maneira terapêutica, promovendo o crescimento emocional e afetivo do sujeito. Em suma, o objetivo desta dissertação é analisar e entender a maneira como os indivíduos com uma constituição perversa em sua estrutura psíquica funcionam, com ênfase na importância do fetiche nesse processo. A análise dessa estrutura específica apresenta desafios particulares para a prática clínica da psicanálise, como a resistência por parte do indivíduo em reconhecer e lidar com seus conflitos internos, a negação

de problemas psicológicos e a dificuldade em se submeter ao processo de elaboração e ressignificação de traumas e conflitos.

Para alcançar esse objetivo, foi analisados os conceitos de constituição do sujeito da perversão, levando em consideração o papel do fetiche e da fixação. Além disso, foi identificados os principais desafios e dificuldades enfrentados pelo analista ao lidar com pacientes que possuem constituição na estrutura perversa. Essa investigação busca acender reflexões à prática clínica em psicanálise diante desses pacientes, a fim de facilitar um acompanhamento mais efetivo e proporcionar uma análise crítica e reflexiva sobre questões psicanalíticas fundamentais. Em conclusão, esta monografia mostra a relevância e complexidade do tema da constituição do sujeito na estrutura perversa dentro da psicanálise. Através do estudo dessa temática, é possível aprofundar os conhecimentos sobre as abordagens terapêuticas sugeridas e fornecer subsídios para uma intervenção terapêutica mais eficaz em casos de estrutura perversa. No entanto, é importante salientar que este trabalho não pretende esgotar o assunto, mas sim fornecer uma base para futuras pesquisas e discussões na área da psicanálise.

Considerando a relação entre o perverso e o analista, fica evidente que essa dinâmica é extremamente desafiadora e complexa. O perverso busca o analista não para efetivamente trabalhar em sua análise, mas sim como uma forma de se livrar momentaneamente do desconforto e evitar a responsabilidade pelas suas ações prejudiciais. Diante desses desafios, o analista se vê em uma posição delicada e arriscada. Existe o risco de estabelecer uma relação dual com o perverso, onde desaparece o desejo de analista. Nesse momento, é necessário questionar a estrutura teórica do dispositivo analítico e buscar uma posição que permita ao analista aproveitar aquilo que o sujeito traz além das suas encenações. Em resumo, o trabalho analítico com o perverso é extremamente complexo e desafiador. Requer do analista um posicionamento teórico e técnico diferente daquele utilizado com o neurótico. A relação entre o perverso e o analista colocam em xeque o dispositivo analítico e confronta a ética psicanalítica, exigindo do analista uma constante reflexão e adaptação em seu trabalho.

Em vista disso, conclui-se que o estudo do fetichismo é fundamental para compreender as dinâmicas psíquicas relacionadas à sexualidade humana. Freud dedicou um artigo específico a esse tema em 1927 porque percebeu que o fetichismo não se limitava apenas a uma perversão, mas também revelava um mecanismo de negação que tinha um papel fundamental na formação da psique. O fetichismo, tanto em sua forma considerada normal quanto em sua forma

patológica, é uma expressão do processo de recusa diante de uma realidade angustiante, especialmente a castração. O objeto fetichizado torna-se um substituto simbólico do órgão genital materno ausente, permitindo ao sujeito lidar de forma defensiva com esse trauma. Assim, o fetichismo não deve ser entendido apenas como uma entidade patológica específica, mas como um elemento presente em diferentes graus na vida sexual humana. Entender o papel do fetichismo na estruturação do aparelho psíquico é essencial para uma abordagem psicanalítica do tema da perversão.

No trabalho analítico com o perverso, portanto, o analista enfrenta desafios como a dificuldade em estabelecer a relação transferencial devido ao desrespeito do perverso às regras da associação livre e à neutralidade, além do desafio de lidar com a transgressão e desafio constante à lei por parte do paciente. Portanto, o objetivo do analista ao lidar com o perverso é confrontar suas ações, ajudá-lo a explorar novas formas de satisfação que não estejam baseadas apenas no prazer as vezes cruel ou inaceitável culturalmente e estabelecer um vínculo de confiança com limites claros. O trabalho com o paciente perverso pode ser complexo e desafiador, exigindo do analista preparação para lidar com a resistência, agressividade e manipulação do paciente, sempre respeitando os limites éticos e a integridade de ambos.

**REFERÊNCIAS**

ANDRADE, M. M. (1992). **Sobre fetiche**. Revista de Antropologia, São Paulo: edição VI, 35(1), Pg. 29-54.

DUARTE, Tomas. **Pesquisa quantitativa e qualitativa entenda a diferença**. São Paulo, 2016.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 98.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 205

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria. Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1901-1905). **A Psicopatologia da Vida Cotidiana**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, S. **Repressão (1915)**. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV, p. 163-182. Edição *Standard* Brasileira.

FREUD, S. (1894). **Os Mecanismos de Defesa da Neurose**. In Obras Completas de Sigmund Freud, Volume III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII, pg.161. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Além do Princípio do Prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII, pg. 11-84. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1905[1901]). **Fragmento da análise de um caso de histeria Dora**. A edição padrão das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume VII (1901-1905): Um caso de histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos, 1-122.

FREUD, S. (1894/2006). **As neuropsicoses de defesa**. Obras completas, v. III. Rio de Janeiro: Imago.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**, São Paulo, v35, n.3, p 20-29, maio/junho 1995.

JULIAN, P. **Psicose, perversão, neurose**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

LACAN, J. (1949). **O estádio do espelho como formador da função do eu**: tal como nos é revelada na experiência analítica. In: \_\_\_\_\_. Escritos. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 96-103.

LACAN, J. (1953-1954). **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, J. "A **instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**". \_\_\_\_\_. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

LACAN, J. (1957-58) **O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

LAPLANCHE, J., & Pontalis, J. B. (1967/2001). **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.

MENDONÇA, R. K., Silva, M.L., Couto, D. P. Rodrigues, C. E., Caetano, A. A. R., E TEODORO, E. F (2021). **A Neurose como Negativo da Perversão: Um estudo das Perversões em Freud.** *Psicologia: Ciência e profissão*, 41, e218321. <https://doi.org/10.1590/1982-3702300321832>.

MELLO, LUIZ Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação teóricas e temas.** 8 ed. São Paulo, Vozes, 2001.

PEREIRA, L, S. O Conto machadiano: **uma experiência de vertigem:** ficção e psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008

RODRIGUES, COSTA, William. **Metodologia científica, Paracambi,** p1-20, agosto, 2017.

SANTOS FILHO, J. Camilo; GAMBOA, Silvio Sánchez. Pesquisa **educacional: quantidade-qualidade** 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ROSA JR, Norton Cezar Dal Follo da; POLI, Maria Cristina. **Fetichismo: Falo materno e Gozo diante do inanimado.** *Rev.Mal-Estar Subj., Fortaleza*, v. 12, n. 3-4, p. 663-682, dez. 2012.

SECOTTE, Guilherme; DIONISIO, Gustavo Henrique. **Pulsão de morte e agressividade no campo de Freud-Lacan.** *Analytica, São João del Rei*, v. 7, n. 13, p.238-258, dez. 2018.

